

**SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS INGRESSANTES NO 1º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA REFLEXÃO PÓS
PANDEMIA**

Ana Paula Martins Nunes dos Santos¹
Janaina Cristiane da Silva Barbosa¹
Maitê das Neves Gomes¹
Leandra Aurélia Baquião²

RESUMO

O contexto escolar pós pandemia de Covid-19 apresentou grandes desafios para educação mundial, e para as crianças ingressantes do primeiro ano do ensino fundamental, um período já marcado por muitas mudanças, esses impactos podem ter influenciado a saúde mental, e acarretado prejuízos. Considerando que crianças nessa faixa etária necessitam e aprendem por meio de convivência e brincadeiras, e que elas não tiveram a oportunidade de interagir com seus pares e se preparar na pré-escola para o convívio no primeiro ano do ensino fundamental, esse distanciamento social teve influência nas dinâmicas interacionais, e conseqüentemente nas respostas emocionais dessas crianças. Por meio de uma revisão da literatura apresentaremos um breve panorama sobre período pandêmico, discutiremos acerca da adaptação escolar, possíveis conseqüências desse período, e caminhos possíveis.

Palavras-Chave: Saúde Mental, Crianças, Escola, Pós-Pandemia.

INTRODUÇÃO

A criança ingressante no primeiro ano do ensino fundamental tem seis anos de idade, logo seu estágio de desenvolvimento como afirma Piaget é a pré-operatória que vai aproximadamente dos dois aos sete anos de idade, essa fase é caracterizada por uma grande expansão no uso do pensamento simbólico, embora haja uma grande expansão nessa fase, a

¹Discentes do curso de Psicologia do Centro Universitário do Vale do Ribeira – Registro/SP

²Docente/Orientadora do Centro Universitário do Vale do Ribeira – Registro/SP

criança ainda não tem capacidade cognitiva para usar a lógica, nesse estágio também um dos avanços é a empatia onde a criança torna-se mais capaz de perceber como o outro sente e pode controlar e acolher um amigo quando o vê triste. (PAPALIA, 2013).

Para Erik Erikson, nessa fase a criança está em conflito constante sobre si próprio, as crianças querem fazer coisas e estas podem não ser aprovadas socialmente podendo gerar o sentimento de culpa, esse estágio é marcado pela iniciativa versus culpa, este é o terceiro estágio do desenvolvimento psicossocial do autor. (PAPALIA, 2013).

Diante dessas características marcantes nessa idade e nos estágios de desenvolvimento, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) que se constitui como documento educacional que define competências, como a capacidade de mobilizar conhecimentos, habilidades, atitudes e valores não deixando de fora as competências socioemocionais a serem desenvolvidas dentro do ambiente escolar, nessas competências têm a autogestão, autonomia, autoconhecimento e autocuidado, empatia e cooperação. Duas dessas estão diretamente ligadas a saúde emocional das crianças, que é a empatia e cooperação, onde a criança aprende desenvolver e promover o respeito mútuo bem como respeitar a diversidade, sentir-se parte da coletividade, outro bloco dessa competência é o autocuidado e autoconhecimento onde o objetivo é que as crianças aprendam a cuidar da sua saúde física, emocional e lidar com suas emoções (CERICATO; CERICATO, 2019).

Segundo Papalia (2013), às atividades em horário de recreio contribuem para a interação social, como a de pular corda, que tende a ser informal, porém, promove tanto a agilidade, como a competência social, e o que se pode observar essas crianças foram impedidas dessa convivência devido ao isolamento escolar pela COVID-19 que dificultou essas interações nesse retorno (PAPALIA, 2013).

Diante desse cenário cabe ressaltar que o ingresso da criança ao primeiro ano do ensino fundamental, ocorre uma explosão de emoções dentre elas a impaciência e ansiedade (PAPALIA, 2013). Portanto, há necessidade de se beneficiarem com seus pares, sendo seu grupo classe.

As crianças se beneficiam em fazer coisas com seus pares. Elas desenvolvem habilidades necessárias à socialização e à intimidade, e adquirem um senso de afiliação. São motivadas a realizar coisas, além de adquirirem um senso de identidade. Aprendem habilidades de liderança e comunicação, cooperação, papéis e regras. O grupo de pares ajuda as crianças a aprender como se relacionar em sociedade – como ajustar suas necessidades e seus desejos às necessidades e desejos

dos outros, quando ceder e quando permanecer firme. O grupo de pares oferece segurança emocional. É reconfortante para as crianças perceber que não estão sozinhas quando nutrem pensamentos que poderiam ofender um adulto. (PAPALIA, 2013, PÁG 368).

Sabemos que a Pandemia COVID-19 trouxe grandes impactos a Educação Brasileira, onde a escola passou por uma verdadeira revolução, aulas online, ensino híbrido, ausência de alunos na realização das atividades, desinteresse por muitos alunos, pois, não possuíam recursos tecnológicos. Logo o grande momento da educação chamou-se reinventar. No retorno às aulas presenciais houve a necessidade de um olhar empático por parte da escola, as competências cognitivas não ocorrem separadamente das competências sócio emocionais. De acordo com a BNCC:

“conhecer-se, apropriar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e a dos outros, com autocrítica e capacidade de lidar com elas. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza”. (BRASIL, 2018, p.8).

Nesse cenário é preciso haver mudanças na prática docente na perspectiva da escola ser um espaço de acolhida e de trabalho com a saúde emocional dos estudantes.

A instituição de ensino se configura como um dos primeiros locais de experiência da criança na sociedade, esse processo de escolarização engloba a construção gradativa da personalidade infantil, de modo que os componentes sociais se configuram como aspectos influenciadores da construção de sua personalidade, considerando que a criança movimenta o próprio processo de assimilação e socialização. Zimmerman (2010, pág. 21) ressalta que “o vínculo é de fundamental importância no desenvolvimento da personalidade da criança, sendo inquestionável a sentença de que o ser humano constitui-se sempre a partir do outro”.

O ambiente escolar deve se configurar como um local que favoreça o processo de integração da criança no convívio social. De acordo com Harris, uma relação positiva necessita suportar sentimentos que são desagradáveis, os quais se configuram como um processo de elaboração por outro indivíduo. Diante do exposto, observamos que na visão da criança o novo espaço escolar se configura como algo ruim, onde ela é deixada com pessoas que não a conhecem, esse fato pode gerar momentos de choro, onde há um

imenso desespero e o desejo de retornar ao seu lar. (HARRIS, 2019).

Bee considera fundamental que a proposta escolar institua formas de transmitir segurança aos educandos, onde o docente possui potencialidades, que engloba a necessidade de considerar os aspectos cognitivos, sociais e afetivos, propondo uma abertura sólida que seja capaz de fornecer subsídios para que a criança construa o seu próprio processo de autoconhecimento, de modo a assimilar saberes sobre os diversos campos de conhecimento (BEE, 2003).

Nesse caminho o professor assume um papel primordial, em que conduz o processo de ensino e aprendizagem, fornecendo uma transmissão de conhecimento capaz de fornecer segurança aos alunos, possibilitando um acolhimento, visto que a criança está inserida em uma localidade desconhecida sem a presença de seus pais.

Palú, Schutz e Mayer (2020) trazem que esse processo de escolarização passou por uma mudança brusca, em que os professores e alunos tiveram que buscar novas formas de aprendizagem e de formular essa transmissão de conhecimento, visto que as aulas precisaram ser suspensas.

DISCUSSÃO

1. PERÍODO PANDÊMICO E EDUCAÇÃO

A pandemia de COVID-19 exigiu que a OMS juntamente com os governadores estaduais, determinassem o sistema de quarentena e isolamento social, a fim de que diferentes exercícios profissionais e sociais fossem impedidos de serem realizados no formato presencial, de modo que o isolamento social foi priorizado, cuja ação ocorreu com o objetivo de impedir a propagação do vírus e novas contaminações. Souto, Bueno e Matta (2021) ressaltam que a peculiaridade desse período exigiu um alinhamento de ações, de modo que foram de extrema importância às recomendações e orientações, como o uso de máscara e álcool em gel e principalmente o isolamento social; o país vivia um estado de calamidade pública devido à extensão geográfica do vírus, dessa forma foi instituída como a primeira pandemia do século XXI.

A suspensão das aulas presenciais impediu o convívio entre crianças da mesma faixa etária, o que acarretou em perda cognitiva e social, afetando de maneira negativa a sua saúde psíquica. Dessa forma, Vygotsky (2007) considera a interação social essencial para o desenvolvimento do ser humano, de modo que essa interação fornece conquistas

sociais, processo pelo qual a aprendizagem se manifesta de maneira paralela com as relações colaborativas. (VYGOTSKY, 2007)

Nessa perspectiva, a interatividade promove capacidades nas crianças, Branco e Pinto (2009) consideram que o processo de desenvolvimento das crianças inclui uma sucessiva combinação de sentidos, isso porque elas atribuem significados às mensagens sociais, que são possíveis de interiorizar e externar; a interação sociocultural implica em um avanço global dos seres humanos. Durante a pandemia essa interatividade foi interrompida, trazendo sofrimentos e alterações em seus comportamentos.

As crianças no período pandêmico vivenciaram momentos de extremo desespero, onde as famílias enfrentaram diferentes tipos de perdas e se encontravam em estado de estresse acentuado, houve irritabilidade pelo fato de estarem isoladas, e as idas à escola ser interrompida de maneira repentina.

Com base em situações de distanciamento social anteriores e no aumento súbito do registro de casos de violência no contexto de pandemia, organizações internacionais, pesquisadores e mídia leiga estão preocupados com os indícios de aumento da violência doméstica, sendo o lar, muitas vezes, um lugar de medo e abuso. (MARQUES et al., 2020, p.1).

2. ADAPTAÇÃO ESCOLAR E RESPOSTA EMOCIONAL

O sistema de resposta ao estresse é complexo e um dos mais primitivos, pois foi fundamental para a sobrevivência da espécie humana ao longo da história. A principal função desse sistema é a proteção contra perigos e muito útil quando se trata de uma situação real de perigo à vida, mas o que acontece quando uma criança interpreta/sente uma situação recorrente como uma ameaça a sua sobrevivência? Nesse caso os níveis de estresse podem se tornar tóxicos e terem sérias consequências.

A resposta tóxica ao estresse ocorre quando uma criança vivencia adversidades intensas, frequentes e/ou prolongadas sem o apoio adequado de um adulto. Esse tipo de ativação prolongada dos sistemas de resposta ao estresse pode afetar o desenvolvimento da arquitetura cerebral e de outros órgãos, bem como aumentar o risco de doenças relacionadas ao estresse e de comprometimento cognitivo, efeitos que se estendem pela vida adulta. (HARRIS, 2019, página 78).

Diante do exposto acerca do processo de adaptação escolar, e considerando o período de isolamento social imposto pela pandemia covid-19, a elevação do nível de estresse pode ser uma consequência observada por meio de determinados

comportamentos e sintomas expressos pelos alunos. A rotina escolar faz parte do processo de escolarização, sendo assim, é importante observar como é a resposta emocional das crianças nesse ambiente, uma vez que elas precisam frequentar diariamente as aulas, é preocupante do ponto de vista emocional e fisiológico que as experiências vivenciadas nesse ambiente sejam interpretadas por elas como uma situação ameaçadora.

Outro ponto a ser considerado é que as crianças possuem suas histórias de vida e vivências familiares cotidianas, realidades que os professores podem não conhecer. Segundo estudos sobre Experiências Adversas na Infância, situações de abuso ou negligência emocional e /ou física recorrente, abuso sexual, abuso de drogas em casa, distúrbio mental em casa, violência doméstica, divórcio ou separação parental, e comportamento criminoso em casa (HARRIS, 2019, página 58) são situações que favorecem a ocorrência de disfunção/desadaptação no sistema de resposta ao estresse. E de acordo com GERHARDT (2017) “o tipo de estresse que mais importa as crianças jovens é a falta de apoio de seus pais.” (GERHARDT, 2017, página 83).

Apesar de existirem atualmente diversos estudos e publicações sobre o impacto de altos níveis de estresse no comportamento e aprendizado dos alunos, é importante investigar e refletir sobre o acesso que os professores possuem em relação a esses achados científicos. É comprovado pela ciência contemporânea que “para poder prestar atenção e aprender na escola, uma criança precisa mobilizar seu córtex pré- frontal” (o maestro) (HARRIS, 2019, página 220), e que altos níveis de cortisol inibem esse funcionamento. Em contrapartida, crianças com alto nível de estresse *têm* “dificuldade de controlar seus impulsos e capacidade de concentração prejudicada” (HARRIS, 2019, página 149).

3. CONSEQUÊNCIAS DO PERÍODO PANDÊMICO

As situações de violência doméstica tiveram um agravamento durante o período de distanciamento social “segundo dados do Ligue 180 disponibilizados pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos houve um aumento de cerca de 17% no número de ligações com denúncias de violência contra a mulher durante o mês de março, período inicial da recomendação do distanciamento social no país” e “cenários de violência doméstica contra a mulher, na maior parte das vezes, também há violência

contracrianças e adolescentes”. (MARQUES et al., 2020, p.1,2).

De acordo Gerhardt (2017) “todos os dias de nossas vidas, nossa bioquímica interna está fluindo de nossa consciência. Todos os tipos de respostas emocionais e fisiológicas estão ocorrendo automaticamente”(p.75). Isso é um fato, e possuir a consciência desse fato e acesso a esse conhecimento pode permitir que os professores possam observar as respostas emocionais dos alunos, e utilizar essa informação em favor da construção de um ambiente educativo favorável ao desenvolvimento e à convivência saudável.

Ter acesso a conhecimento acerca do funcionamento do sistema de resposta ao estresse pode ajudar os professores a compreender que alguns fatores como “segurança e estabilidade são componentes fundamentais da solução”. (GERHARDT, 2017, página 17). Embora os alunos estejam iniciando uma nova fase em seu processo de escolarização, e que essa fase apresenta desafios de interação, devido ao distanciamento social, e acadêmicos devido à complexidade dos conteúdos, oferecer opções para lidar com situações estressantes “como se retirar para um espaço reserva à reflexão silenciosa ou estimulá-lo, com um sinal silencioso, a contar até dez e respirar fundo” (HARRIS, 2019, página 221), apesar de se parecerem pequenas intervenções podem ser valiosas.

Os professores também sofreram consequências emocionais em decorrência do distanciamento e das demandas profissionais ocasionadas pela pandemia de covid-19, isso significa também que possuem suas próprias questões emocionais, esse aspecto também merece atenção uma vez que “os bons relacionamentos dependem também da capacidade de tolerar sentimentos desconfortáveis enquanto eles estiverem sendo processados por outra pessoa”. (GERHARDT, 2017, página 40). Nessa perspectiva é fundamental procurar compreender como os professores do 1º ano percebem, se sentem e são afetados pelos comportamentos dos seus alunos.

CONCLUSÃO

Diante do que foi estudado e apontado nesse artigo, conclui-se que a Pandemia trouxe grandes perdas, especialmente às crianças que não tiveram oportunidade de conviver com seus pares, negociando conflitos próprios das crianças.

A ausência dessa convivência que a escola teria trabalhado em idade pré-escolar não foi realizada, demonstrando que os níveis de estresse no retorno às aulas presenciais se elevaram pois as crianças estiveram iniciando o convívio com seis anos, o que deveria ter sido realizado aos quatro e cinco anos de idade, preparando a criança para o ingresso

ao primeiro ano do Ensino Fundamental.

Evidencia-se que o processo de escolarização representa um dos primeiros locais da criança em convívio com outros da mesma faixa etária, além disso, cabe a consideração de que a interação social nesse período se configura como aspecto influenciador de sua personalidade, de forma que nesse meio escolar, a criança se relaciona com o mundo externo, convivendo com pessoas que por ele é influenciado e que também exerce influência.

A peculiaridade do período pandêmico acarretou em consequências, que incluem perdas cognitivas e sociais, prejudicando a saúde psíquica, ao passo em que a interatividade foi interrompida e houve sofrimentos e alterações em seus comportamentos. Os prejuízos emocionais e comportamentais podem se exteriorizar e aparecer de maneira psicossomática, esses aspectos sinalizam alguma anormalidade, que está interligada com medos e exposição a situações estressoras.

É importante considerar que todos que vivemos esse período fomos afetados de alguma forma, e por isso as crianças, que estão em período de formação, necessitam que os profissionais da educação possam ter acesso a conteúdos sobre saúde mental, impactos do isolamento/distanciamento social e fatores protetivos para implementar estratégias nesse espaço que favoreçam uma convivência, desenvolvimento e aprendizagem saudáveis também do ponto de vista emocional.

REFERÊNCIAS

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 9. ed. São Paulo: Artmed, 2003. 612 p.

BRANCO, Angela Uchoa; PINTO, Raquel Gomes. **Práticas de socialização e desenvolvimento na educação infantil: contribuições da psicologia sociocultural**. 17. ed. Ribeirão Preto: Periódicos Eletrônicos em Psicologia, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-0020. Acesso em: 01 out. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CERICATO, Itale Luciane; CERICATO, Lauri. **Competências socioemocionais de bolso: formando alunos e professores para os desafios do século XXI**. São Paulo: Arco, 2019. 66

p.

GERHARDT, Sue. Por que o amor é importante: como o afeto molda o cérebro do bebê. Tradução: Maiza Ritomy Ide. Revisão técnica: Luciana Vellinho Corso. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

HARRIS, Nadine Burke. Mal profundo: como nosso corpo é afetado pelos traumas da infância e o que fazer para romper com esse ciclo. Tradução: Marina Vargas. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

MARQUES, Emanuele et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. Cad. Saúde Pública 2020; 36(4):e00074420.

PALÚ, Janete; SCHUTZ, Janerton Arlan; MAYER, Leandro. Desafios da educação em tempos da pandemia. Cruz Alta: Ilustração, 2020. 319 p. Disponível em: <https://editorailustracao.com.br/livro/desafios-da-educacao-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 13 de maio de 2022.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. Desenvolvimento humano. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. 800 p.

SOUTO, Ester Paiva; BUENO, Flávia Thedim Costa; MATTA, Gustavo Corrêa. Notas sobre a trajetória da Covid-19 no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/r3hc2/pdf/matta-9786557080320-03.pdf>. Acesso em: 01 out. 2022.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 224 p.

ZIMERMAN, David. Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas. Porto Alegre: Artmed, 2010. 240 p.